

Refugiados: a representação do Outro pelo jornalismo

Refugees: the representation of the Other in journalism

Gabrielle Santos de PAULA¹

Resumo

Este artigo pretende analisar a representação de migrantes e refugiados construída pelo jornalismo, por meio da análise da reportagem *Refugiados – Uma História*, publicada pelo jornal Zero Hora, no ano de 2015. Para isso, procuramos identificar a maneira como a repórter se colocou diante de seu representado. Baseando-se em estudos de outros pesquisadores da área, faremos uma reflexão acerca das escolhas jornalísticas que determinam uma visão sobre o Outro.

Palavras-chave: Representação. Jornalismo. Alteridade. Refugiados.

Abstract

This article intends to analyze the representation of the migrants and refugees built by journalism, through analysis of the report *Refugiados – Uma História*, published by the journal Zero Hora in 2015. For this, we try to identify the way the journalist stood before represented. Based on studies of other researchers, we will make a reflection about the journalistic choices that determine a vision of the Other.

Keywords: Representation. Journalism. Otherness. Refugees.

Introdução

Nossa identidade como sujeito está relacionada à ideia de pertencimento a uma cultura, étnica, racial ou linguística (HALL, 2006), mas, isto não significa uma unidade plena entre indivíduos de uma mesma cultura. Somos produtores de diferenças e nos reconhecemos na diferença, já que “o Outro, ser exemplar de tudo que não faz parte do “eu”, ao mesmo tempo em que nos amedronta é quem garante a possibilidade de

¹ Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela FABICO – UFRGS.
E-mail: gabispaula88@gmail.com

formarmos a consciência da nossa própria existência” (CASTRO, 2013, p. 13). Com base nos estudos da Psicanálise, Stuart Hall apresenta o pressuposto de que a construção do “eu” depende do olhar do Outro. Sou o que sou, porque me reconheço na diferença do Outro. Assim, a interação do “eu” com a sociedade é responsável pela formação da identidade do sujeito. Atualmente, as discussões acerca da discriminação que determinados grupos sociais marginalizados sofrem, vem ganhando destaque e há uma percepção maior do Outro: o negro, a mulher, o homossexual, a transexual, o imigrante.

Assim, muitos Outros buscam por representação. Com a diversidade de culturas e com as lutas do movimento negro, do movimento LGBT e do feminismo ganhando visibilidade, o exercício da alteridade² – *a capacidade de compreender e de “colocar-se no lugar do Outro”* - tem se tornado cada vez mais fundamental para as questões de representação. Visto que “a alteridade é a ferramenta utilizada para não transformar a diferença em desigualdade, pois é no campo da cultura que as desigualdades são constituídas” (VEIGA *apud* CASTRO, 2013, p.30). Então, caberia a quem discutir estas representações sociais? Os meios de comunicação desempenham papel importante nesse processo, considerando que participam de processos de mediação “na dissolução de um horizonte cultural comum no âmbito da nação. Encarnam, assim, uma posição mediadora na construção de outras identidades” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 157).

E representar é algo inerente na vida do jornalista, que constantemente tem de relatar em seu trabalho toda esta diversidade cultural. E como representar o Outro? Como reportar o Outro sem incentivar uma cultura permeada de estereótipos que contribuem para a causa de desigualdades? “Se pensarmos na metáfora bourdiana (BOURDIEU, 1997) dos óculos específicos que os jornalistas utilizam, que os fazem ver o que veem de determinadas formas, como atuar para trocar estes óculos pelos de outras pessoas?” (LAGO, 2010, p. 168). Este é o grande desafio para o jornalismo, fazer o exercício de alteridade.

² Alteridade é a capacidade de, a partir de reconhecer-se num grupo social entre tantos, deslocar-se para tentar compreender outras realidades pertencentes a grupos diferentes (VEIGA, 2010, p. 43).

Jornalismo e alteridade

Sabemos que os modos de narrar um fato são diversos. Segundo José Marques de Melo, questões centrais das minorias como cidadania, identidade, e marginalização, são de difícil compreensão. E é função da comunicação, bem como do jornalismo visibilizar toda a diversidade humana. “Para o jornalismo, no momento atual, é fundamental um olhar que busque conhecer os modos de narrar os fatos” (RESENDE, 2009, p. 3). O jornalismo deve estar:

...atento às várias experiências da sociedade e de suas expressões”, sabendo “captá-las onde elas têm pouca capacidade de se fazer ouvir institucionalmente” e dando lhes “voz de modo a suscitar a reflexão de públicos mais vastos. (NEVEU *apud* LAGO, 2010, p. 167).

No entanto, o jornalismo e até mesmo a academia, quando retratam indivíduos socialmente vulneráveis, o fazem de maneira exploratória, destacando o exótico, sem dar retorno aos pesquisados e muitas vezes, sem ouvir a sua voz. Assim, a cultura de oposição binária (HALL, 1997) é mantida, e continua a colocar a dicotomia “selvagem e civilizado”. Além de reforçar algum estereótipo, que “simbolicamente fixa limites, e exclui tudo ao qual não pertença” (HALL, 1997, p. 258 – tradução da autora). De acordo com Stuart Allan (2010) é urgente que se desconstrua a projeção racista das dicotomias “nós e eles”, frequentemente, reveladas nas reportagens.

Por outro lado, há também uma rotina de produção jornalística que influencia os critérios do que é notícia e do que deve ser reportado. A produção de textos e imagens pautados por uma classificação prévia significa dar forma ideológica e cultural às informações (RESENDE, 2007).

Os valores-notícia fornecem critérios nas práticas de rotina do jornalismo que permitem aos jornalistas, editores e agente noticiosos decidir rotineira e regularmente sobre quais as estórias que são noticiáveis e quais não são, quais as estórias que merecem destaque e quais as que são relativamente insignificantes, quais as que são para publicar e quais as que são para eliminar (Nordenstrong, 1972; Breed, 1955; Hall, 1975) (TRAQUINA, 1993, p. 225).

A busca por diversidade de opiniões é contraditória, já que a mídia é quem acaba por selecionar o que é relevante, na sua função de curador da realidade social fornecida pelas fontes institucionais (TRAQUINA, 1993). Tendo em vista este cenário:

As maneiras pelas quais as escolhas rotineiras e cotidianas dos jornalistas com relação àquilo que é para relatar – qual a melhor forma de fazê-lo, e por que – os envolvem numa política de mediação, na qual uma cultura de alteridade se mostra muitas vezes significativa (ALLAN, 2010, p. 26).

Aqui o jornalismo escolhe como referência a macroestrutura e as fontes que a ela se relacionam. Pois o conhecimento popular não basta por si só, havendo sempre a necessidade de uma fonte especialista para embasá-lo. E, ao fazer isso, pode “desqualificar e tornar invisível o Outro em sua alteridade plena” (LAGO, 2010, p.174). Resende (2007) a partir da leitura de Foucault, esclarece que, se antes eram as sociedades do saber as legitimadoras de uma fala que se pretendia verdadeira, hoje, a mídia mostra-se como tal ao utilizar-se do seu amparo institucional e da produção de um discurso que certamente regula o status quo. Em uma sociedade em que a maioria das pessoas não tem acesso aos meios de poder e que a política e a opinião estão concentradas, o papel mediador da mídia desempenha função direta na formação de opinião (TRAQUINA, 1993).

As notícias selecionadas para o público envolvem uma visão de mundo, que é subjetiva. Não se pode descartar a bagagem ideológica do jornalista durante a mediação, e a importância que o jornalismo conquistou ao longo das sociedades, como instituição socialmente aceita para narrar a realidade (FRANCISCATO, 2005). Carlos Eduardo Franciscato (2005) propõe uma reflexão acerca do desenvolvimento do jornalismo para entendermos como a sua caracterização o tornou uma instituição social. Dentre as principais características está o princípio de operar com a verdade do real e ter o compromisso de cumprir essa tarefa (FRANCISCATO, 2005). Além disso, o discurso do relato jornalístico é feito com base em um sentido de fidelidade ao retratar o mundo: “O produto jornalístico funciona como ‘documento público’” (PARK apud FRANCISCATO, 2005, p. 169).

Segundo Marcia Veiga (2010), a atividade jornalística também desempenha uma função pedagógica, uma vez que se propõe a produzir os saberes cotidianos e a

“explicar” o mundo. “O jornalismo é um conhecimento social e cultural que ensina” (VEIGA, 2010, p. 33). Por isso, o jornalismo exerce um papel importante na construção da cidadania. Ainda que o advento das novas tecnologias já tenha colocado em xeque a atividade jornalística, a imprensa ainda é vista culturalmente como agente legitimador pela sociedade.

Em um período em que as migrações se acentuam pelo mundo, como o jornalismo tem explicado esta situação? Como os repórteres se colocam diante do estrangeiro e descrevem os costumes de uma cultura diferente?

Refugiados: atravessando fronteiras para a representação do Outro

O ano de 2015 foi emblemático para a crise migratória atual. Além das constantes notícias envolvendo encontros dos líderes mundiais para discutir a questão, uma imagem chocou o mundo: a foto do menino sírio Aylan³, de três anos, morto em um naufrágio e encontrado em uma praia turca. As imagens viraram símbolo da crise, que já matou milhares de pessoas do Oriente Médio e da África que tentam chegar à Europa para escapar de guerras, de perseguições e da pobreza.

Em outubro do mesmo ano, a repórter Letícia Duarte, do jornal Zero Hora, embarcou para a cidade de Bodrum, onde Aylan foi encontrado, para dali partir para a ilha de Kos, na Grécia, e acompanhar a trajetória de uma família síria até a Alemanha. A família escolhida é composta por Ghazi, Razan, Tala e Mohammad: pai, mãe e um casal de filhos. Uma tentativa de aproximação com aquilo que é – geralmente – considerado como uma família tradicional. Há também a constante tentativa de sensibilizar o leitor, relacionando a idade do menino Mohammad com a de Aylan. Relação novamente encontrada em trechos como: *A família partiu da cidade natal em 4 de setembro, mesmo dia em que o corpo de Aylan era enterrado, em Kobani.*

O texto da reportagem é permeado por fotos e vídeos que buscam mostrar uma realidade distante, mas também identificar costumes que são comuns no mundo todo, como jogar cartas ou fumar. “É o banal, precisamente, que constitui uma identidade

³ Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>

para os nossos hábitos diários” (KRISTEVA, 1994, p.11). Um comportamento próximo ao do universalista: “este, em sua aspiração ao universal, parte de um particular, que se empenha em generalizar; e tal particular deve forçosamente lhe ser familiar, quer dizer, na prática, encontrar-se em sua cultura (TODOROV, 1993, p.21)”.

No entanto, a todo instante a repórter descreve sua trajetória e demonstra constrangimento ao compartilhar da comida dos refugiados. Ela faz todo o percurso assim como eles e procura destacar o sentimento dos migrantes em relação aos olhares, como na fala de uma mulher: *Olham para a gente como se não fôssemos nada. No meu país eu me sentia importante. Quando cursava a universidade, me sentia especial. Agora olham para nós desse jeito, como refugiados.* Ao retratar o perfil desses migrantes, a reportagem contribui na desconstrução de estereótipos, já que revela a formação de várias pessoas que sonham com uma vida melhor. Ao mesmo tempo, pretende retratar uma singularidade do estrangeiro para impressionar: “esses olhos, esses lábios, essas faces, essa pele diferente das outras o destacam e lembram que ali existe *alguém*” (KRISTEVA, 1994, p.11).

O esforço em descrever a situação nos seus países de origem, também demonstra uma tentativa de elucidar o grande fluxo migratório. O que, de certa forma, apresenta-se admirável, uma vez que a representação de grupos do Oriente é feita, normalmente, de forma estereotipada. As formas de representação de muçulmanos pela mídia é um exemplo. As coberturas em episódios de atos terroristas acabaram por fazer simplificações e reforçar estereótipos, fazendo com que muitos muçulmanos fossem rechaçados por sua condição cultural em países da Europa e nos Estados Unidos. A falta de empenho dos jornalistas em esclarecer os fundamentos do Islã contribuiu para distorções. De acordo com Stuart Allan (2010), os relatórios noticiosos da imprensa britânica no período de 2006 a meados de 2007, retratavam um antagonismo entre Ocidente e Islã. O preconceito sofrido por muitos muçulmanos tidos como sinônimo de “terrorismo” fez com que jornalistas reconhecessem a discriminação.

Contudo, mesmo citando as medidas de alguns países para tentar solucionar o drama, a reportagem apresenta um olhar pouco crítico sobre essas medidas. Uma exceção é quando menciona o tratamento dos policiais alemães com a chegada dos refugiados: *“Não é hora de fazer compras”.* O tom rígido é um dos sinais do endurecimento das regras alemãs diante do fluxo migratório. Tampouco, o texto

desenvolve um conhecimento histórico sobre a exploração do continente europeu sobre diversas nações no mundo. Representar os diferentes grupos sociais sem estereotipar demanda conhecimento das relações de poder e daquilo que podemos classificar como história do Outro. A expansão do Imperialismo a partir do século XVII estabeleceu uma relação de poder vertical. A maioria das nações resulta de culturas que foram unificadas através de processos violentos de conquista e que põem em xeque a ideia de uma identidade nacional (HALL, 2006). Além disso, o estrangeiro acaba sendo símbolo do ódio e do outro (KRISTEVA, 1994).

Os discursos jornalísticos tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro; e é com eles, vale dizer, que construímos os nossos modos de compreender e ver o mundo, visões que tecem nossa percepção do outro e nossa maneira de lidar com o diferente ou o semelhante (RESENDE, 2007, p. 83).

Ou seja, quem fala através dos meios de comunicação é aquele que se coloca como legítimo para informar e propagar a verdade. Esta mediação insere o jornalista em uma posição de poder que tem a possibilidade de contribuir para o reconhecimento da diferença e compreendê-la ou apenas desqualificá-la, pois quem fala pode deslegitimar um outro (RESENDE, 2009). Caberia à reportagem, legitimada pela função jornalística, contextualizar as questões históricas que contribuíram para que países do Oriente Médio e da África se encontrem em tal circunstância.

Por outro lado, Leticia apresenta durante todo seu percurso a tentativa de olhar o outro, já que conversa com as pessoas nas mais diferentes situações: depois de um banho, na hora da janta, na fila da revista. O artigo que encerra a reportagem “Gente de alma grande” comprova o exercício da repórter em colocar-se no lugar do Outro. *Quando parti de Porto Alegre rumo à Grécia para produzir esta reportagem, em 17 de setembro, tentava me preparar para ouvir toda a dor de quem foge de uma guerra. O que sequer suspeitava é que iria deparar com tanta generosidade no meio desta jornada de fuga.* Ela comenta da constante iniciativa das pessoas em lhe oferecer comida, “uma pessoa estranha e com bloquinho na mão”. Talvez, porque mesmo sendo jornalista, Leticia estava vivendo, ainda que por um período, a mesma situação que aqueles indivíduos. *Na hora de dormir, fui procurar um lugar para encostar a cabeça, quando um dos rapazes do grupo veio atrás de mim. O jovem Musa ia dormir no chão,*

mas havia reservado duas poltronas juntas para que eu pudesse me esticar. Quando eu já estava constrangida por tamanha gentileza, ele tirou a jaqueta que vestia e colocou sobre minhas pernas para servir de cobertor.

A maneira como a repórter se coloca diante do seu representando – atravessando fronteiras junto a ele - proporciona um exercício de alteridade de ambas as partes, revelando uma generosidade imensa de quem sofre a dor de estar desterritorializado. É provável que Letícia não tenha se dado conta, mas ao olhar o Outro, também foi olhada, já que também era uma estrangeira, que não falava a língua e que necessitava de atenção para alcançar seu objetivo.

Considerações finais

Como mencionado anteriormente, o jornalista faz parte de uma sociedade e de uma cultura, o que acaba intrincando o exercício de alteridade. Para Veiga (2010), o jornalista pode ser um profissional autorreferente e pouco reflexivo. Então, como pensar em uma formação que contemple uma maior reflexão acerca das questões de representação social? A Antropologia que tem o objetivo de estudar o Homem na sua plenitude e os fenômenos que o envolvem, é a principal fonte de entendimento do que é alteridade: “enquanto a antropologia se coloca a necessidade de apreender, compreender e acolher o Outro, o jornalismo opera no sentido inverso” (LAGO, 2010, p.173).

Estudar as diferenças e o Outro se mostra substancial para que o indivíduo jornalista seja capaz de se colocar no lugar do outro, em uma relação baseada no diálogo e na valorização das diferenças existentes. Pois “qualquer trabalho que vise refletir sobre as condições de existência real de aspectos da relação entre jornalismo e sociedade, deve problematizar a perspectiva da importância social do jornalismo” (LAGO, 2010, p. 165). Se não houver uma discussão forte em sala de aula para reformulação dos valores de representação, alternativas mais fáceis serão encontradas (ALLAN, 2010). Mais do que aprimorar nossa formação, é preciso ter a consciência de que:

Nós como profissionais precisamos arcar com mais responsabilidade pelas matérias que colocamos no domínio público e pelo efeito que elas causam na sociedade mais ampla. Verdadeiras ou não, estas

matérias mergulham profundamente na consciência pública e não podem deixar de influenciar a maneira com que as pessoas percebem umas às outras (SMITH *apud* ALLAN, 2010, p. 36).

Ao se valer da legitimidade que conquistou ao longo da história, como principal narrador dos fatos, e ao se propor a “explicar o mundo”, o jornalismo necessita estar em constante reflexão. Encarar as diferenças e promover um deslocamento para olhar o outro é um importante desafio, uma vez que a diversidade humana torna indispensável que o jornalista avalie as representações que pratica.

Referências

ALLAN, Stuart. **O jornalismo e a cultura da alteridade**. São Luís: 8º Encontro Anual da SBPJor, 2010. Annals.

CASTRO, Natascha Enrich de. **Alteridade no jornalismo: Análise da narrativa do livro *O Irã sob o Chador***. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho de conclusão de curso, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000912863&loc=2014&l=8155b8f8f71bcaea> Acesso em: 07 jun.2015.

DUARTE, Leticia. **Refugiados: uma história**. Zero Hora, 2015. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/especiais-zh/zh-refugiados-uma-historia/>

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage/Open University, 1997.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAGO, Claudia. **Ensinaamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo**. São Luís: 8º Encontro Anual da SBPJor, 2010. Annals.

PAULA, Gabrielle Santos de. **Olhar o Outro: uma análise do documentário Quilombo da Família Silva**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho de conclusão de curso, 2015. Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/137773/000988097.pdf?sequence=1>
Acesso em: 13 abr.2016.

RESENDE, Fernando. **O discurso jornalístico contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças.** Revista Galáxia. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/galaxia/article/viewFile/5663/5136> Acesso em: 07 set2015.

RESENDE, Fernando. **Representação das diferenças no discurso jornalístico.** São Paulo: 7º Encontro Anual da SBPJor, 2009. Annals.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana.** Tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias.** Lisboa: Vega, 1993.

VEIGA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre o modo de produção das notícias.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado, 2010. Disponível em: http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25629/000753018.pdf?sequence=1&locale=pt_BR Acesso em: 18 set.2015.